



UMA LEITURA CONCRIATIVA DO ROMANCE “A FACE DO ABISMO” DE CHARLES KIEFER

Autor Maria Helena Pavelacki Oliveira

Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja - maria.pavelacki@ifarroupilha.edu.br

Resumo: Neste artigo, a hermenêutica gadameriana é balizadora da leitura de um texto literário. Na perspectiva concriativa do texto, há uma interação com o mesmo, fazendo uma, dentre as múltiplas possibilidades de leitura, manifestas no jogo da linguagem literária. Nesta leitura hermenêutica, procura-se também desocultar o aparente para entender as significações ditas pelo não-dito do texto. A interpretação do texto está situada à luz do papel da linguagem na constituição da vida humana e no estabelecimento de uma tradição. Trata-se da leitura do romance A face do abismo, de Charles Kiefer, cuja história, contada por dois narradores, um em primeira pessoa e outro em terceira pessoa, aborda o tema da fundação da cidade ficcional de San Martin, surgida sobre uma exterminada aldeia guarani, no Rio Grande do Sul. Após 82 anos de existência, no ano de 1985, a região acabará destruída pelas águas de uma represa que será construída no rio que a banha, o Uruguai. Nesse texto, a vinda dos imigrantes alemães é descrita em toda sua dramaticidade. Ainda se assomam questões como o processo de destruição física e cultural do indígena e a descaracterização dos costumes do meio rural. O enredo do texto também aponta para um dizer que se apresenta para ser decifrável enquanto apreensão da verdade da obra. Apresentamos esse referencial como possibilidade de uma revisão das práticas pedagógicas em vista de uma educação que cumpra o seu papel social a que está submetida, onde o compromisso com as novas gerações se coloca em termos de responsabilidade.

Palavras-chave: hermenêutica, romance, concriatividade.

Introdução: Neste artigo queremos demonstrar a fecundidade da hermenêutica gadameriana, tomando-a como balizadora para a leitura de um texto literário, tendo presente que "apesar de as hermenêuticas de Gadamer não terem consequências práticas diretas, no sentido de oferecer orientação na leitura de textos específicos, ele estabelece que a noção da aplicação está no âmago do entendimento em si..." (LAWN, 2011, p. 147). Aplicação não quer dizer aplicação ulterior de uma generalidade dada, mas sim a primeira verdadeira compreensão da generalidade que cada texto dado vem a ser para nós.

Metodologia: Ao apontarmos para a especificidade do texto literário, faremos desta leitura uma verdadeira experiência estética, nos termos da hermenêutica filosófica. Quando descreve o modo de ser da obra de arte, Gadamer diz que “a obra de arte não é um objeto que se posta frente ao sujeito que é por si. Antes, a obra de arte ganha seu verdadeiro ser ao se tornar uma experiência que transforma aquele que a experimenta” (2008, p. 155).

A eleição de um autor é já um processo hermenêutico. Colocamos dentro do círculo



determinados autores e não outros. A eleição dos autores nos leva a determinados discursos. Nas circunstâncias deste artigo, elegemos como interlocutor o romance **A face do abismo**, do autor gaúcho Charles Kiefer, publicado no ano de 1988.

Nesta leitura estamos implicados a partir do tempo e do local em que nos encontramos. “Cada época deve compreender a seu modo um texto transmitido” (GADAMER, 2008, p. 392). Por isso é preciso destacar que o intérprete não é um sujeito autônomo, desenraizado das condições políticas de sua época, também não se apresenta passivo diante das expressões estéticas, mas é um sujeito que atua e está visivelmente presente no jogo da arte. Ao nos apontar algo que coloca em jogo nossas concepções prévias, a leitura exige nossa participação, sem a qual não se manifestará inteiramente. Ao fazermos desta leitura uma vivência, pensamos como Nadja Hermann quando diz que “ao viver as vicissitudes de um personagem, o leitor alcança algo efetivamente universal, no sentido de que a arte tem algo a nos dizer” (2010, p. 51). Numa leitura hermenêutica é preciso desocultar o aparente para se fazerem entender as significações a serem ditas pelo não-dito do texto.

Discussão: Sob a ótica da nossa reflexão teórica, a existência da literatura não é a sobrevivência morta de um ser alienado que se oferece simultaneamente à realidade vivencial de uma época posterior. A literatura é, antes, uma função da preservação e da transmissão espiritual e, por isso, introduz em cada presente sua história oculta, pois há sempre algo mais a ser dito pelo enredo de um texto literário. O contato com a obra de arte não se qualifica como uma reconstrução do passado, mas como uma fusão de horizontes entre presente e passado, intérprete e tradição. Assim, o que fica e permanece da experiência da arte, o seu sujeito, não é a subjetividade de quem a experimenta, mas a própria obra de arte. Com isso, a obra de arte se traduz na recepção, na autocompreensão do intérprete.

A posição hermenêutica do leitor será sempre aquela atenta ao não-dito, aos silêncios que significam e que integram os dizeres e as ações dos personagens e do narrador. Mesmo que a compreensão seja “uma apropriação do que foi dito, de maneira que se converta em propriedade de alguém” (GADAMER, 2008, p. 515), “diante da literatura, a hermenêutica não se comporta como um inquisidor que procura extorquir seus conteúdos filosóficos” (ROHDEN, 2008, p. 193), visto que o encontro com um texto é uma forma especial de conhecimento, por ser simultaneamente conhecimento de algo e conhecimento de si, ou um enriquecimento que se reflete no modo de ser e de habitar, poética e ludicamente, o mundo do existir.

O romance não apenas conta uma história, ele articula com a fala de uma multiplicidade de vozes. “O enraizamento da narrativa literária no solo da narrativa oral, no plano da prefiguração da



narrativa, permite já entender que a função narrativa não existe sem implicações éticas" (RICOEUR, 1991, p. 193), porque na troca de experiências que a narrativa opera, as ações não deixam de ser aprovadas ou desaprovadas, e os agentes, de ser elogiados ou censurados. Assim, a função narrativa tem implicações éticas, visto que

"os exemplos da literatura, pelo que mobilizam da nossa imaginação, emoção e entendimento, permitem uma experiência estética que abre o horizonte compreensivo da moralidade e possibilita uma avaliação racional sobre a complexidade das situações, das crenças e das emoções que levam à constituição do sujeito moral" (HERMANN, 2010, p. 107).

Tais implicações éticas se dão pelo fato de que, conforme estudo de Rohden, (2009), existem traços filosóficos na obra literária, pois, "algumas mais, outras menos, as obras literárias narram e expressam o sentido da vida, do mundo, das coisas, de uma maneira peculiar, às vezes tão intensa quanto uma obra filosófica." (p. 68-69).

As raízes do romance se confundem com o discurso dos jograis, que recitavam nas barracas de feira, com as canções de ruas, com os provérbios e anedotas. O que se perpetuou como literatura, foi, na sua origem, literatura popular, que tem como característica intrínseca, além da exemplaridade, um forte conteúdo de verdade humana, por isso o discurso romanescos reage de maneira muito sensível às variações da atmosfera social.

Evidenciamos ainda o caráter da recepção, pois a leitura pertence essencialmente à obra de arte literária e "o conceito de literatura não deixa de estar atrelado ao seu receptor" (GADAMER 2008, p. 227), ficando claro que a interpretação é um ato de recriação do intérprete, como compreensão e conhecimento, sendo que toda obra de arte literária só pode se realizar inteiramente pela leitura. Nessa linha de argumentação, os textos escritos não querem ser compreendidos como expressão da subjetividade de seus autores, porque o que está fixado por escrito está liberado da contingência de seu autor, mas sim pelas mensagens de verdade que guardam.

O texto literário e sua especificidade artística incita-nos a perceber, por seu sentido pleno enquanto linguagem em movimento, a relação indispensável entre leitor e texto que o constitui por excelência. "Pela leitura continuamos o diálogo que alguém encetou e explicitou, por escrito, sobre a alma humana" (ROHDEN, 2008, p. 221). A compreensão hermenêutica, no seu caráter de aplicação, produz um diálogo, onde não só escutamos a tradição, mas somos levados por uma promessa de verdade do texto. A compreensão hermenêutica nunca se fecha completamente em função de um único sentido, mas sim o de estar contida em um horizonte compreensivo que possui expectativas, ou opiniões prévias.



Ao interpretar, o leitor não irá simplesmente confirmar o que foi dito no texto, mas estará criando, com o texto, ou ainda, concriando, um novo evento de compreensão. Pois se o texto supõe uma pergunta, cuja resposta latente está nele mesmo, buscamos, com base em um mundo comum, respondê-la, lembrando que “a latência de uma resposta pressupõe, por sua vez, que aquele que pergunta foi atingido e se sente interpelado pela própria tradição” (GADAMER, 2008, p. 292). Se nos colocamos em situação de diálogo com o texto, temos presente ainda que “toda conversação pressupõe uma linguagem comum, ou melhor, toda conversação gera uma linguagem comum” (p. 493), trazendo novamente à fala o dito ou escrito no texto.

Uma leitura concriativa de A Face do Abismo

Queremos, com a leitura desse romance, perceber em que medida conhecemos e reconhecemos algo e a nós próprios na obra de arte, ou seja, em que sentido ela é verdadeira. Por concordarmos que “a arte revela verdades sobre nós mesmos que nenhuma pesquisa científica jamais conseguiu” (LAWN, 2011, p.117) é que nos lançamos nesta busca da verdade, que acreditamos presente neste romance de Charles Kiefer (1988), na medida em que admitimos nos deixar submeter “à verdade do assunto em questão” (GADAMER, 2008, p. 393). A nossa compreensão prévia, decorrente do ter que ver com o assunto do texto, é assim, condicionante para sua leitura.

Souza (1988), ao propor que na obra de Gadamer está subentendida uma ética concriativa, apresenta a hermenêutica filosófica através de alguns conceitos contrapostos: verdade x método, ontologia x metodologia, hermenêutica x epistemologia, relacionando a hermenêutica ontológica com a ética. O autor destaca que a ética não é algo separado da hermenêutica, mas seu traço mais fundamental, e caracteriza-se como “ética da experiência da verdade”.

Nossa interpretação é uma das possíveis respostas às perguntas com que nos interpela o texto em questão e admite ser tocada pela concriatividade da linguagem, já que “a concriatividade linguística da mediação exegética consiste em deixar falar não só o objeto investigado, mas também o sujeito que investiga” (SOUZA, 1988, p. 84). Procuramos nos aproximar do texto de forma plausível e fecunda, mas não definitiva, já que para isso tomamos como ponto de partida nossa experiência pessoal e temos como referência a hermenêutica filosófica que admite a circularidade da interpretação.

A importância estética dada ao romance **A face do abismo** decorre do fato de aí experimentarmos a verdade, através da história, contada por dois narradores, que aborda o tema da fundação da cidade ficcional de San Martin, surgida sobre uma exterminada aldeia guarani. Após 82



anos de existência, no ano de 1985, a região acabará destruída pelas águas de uma represa que será construída no rio que a banha, o Uruguai. Alberta Zeller, um dos narradores da história, conta ao neto, na última noite na cidade antes de a mesma ser invadida pelas águas, a sua versão de como foi a fundação e o desenvolvimento daquele lugar. “Relatar é dizer quem fez o que, por que e como, mostrando no tempo a conexão entre esses pontos de vista.” (RICOEUR, 1991, p.174). Nesse romance, a vinda dos imigrantes alemães é descrita em toda sua dramaticidade. Ainda se assomam questões como o processo de destruição física e cultural do indígena e a descaracterização dos costumes do meio rural.

Na concepção gadameriana, o funcionamento da linguagem, ou o modo como algo é dito, é uma simples condição prévia para a compreensão do que o texto diz. Mesmo assim destacamos a forma como este romance foi construído para que pudesse nos dizer algo. O texto intercala capítulos que se referem ao passado – manifesto nas ações de José Tarquino - e ao presente – representado por Gumercindo, onde a unidade narrativa é mantida pela personagem José Tarquino Rosas, síntese do comportamento biófilo e necrófilo do ser humano. “A identidade narrativamente compreendida pode ser chamada, por convenção de linguagem, identidade do personagem” (RICOEUR, 1991, p. 168). As ações desses personagens encenam no tempo o modo de construção da narrativa.

As duas perspectivas encenadas na construção da ficção dessa obra de Kiefer não é em si mesma uma mera narração de acontecimentos. Sabemos de Gadamer que “uma obra de arte está tão estreitamente ligada àquilo a que tem referência que enriquece o ser daquele como que através de um novo processo ontológico” (2008, p. 209). O enredo do texto, num jogo de metáforas permanentes e cenas narradas a partir de seus personagens, também aponta para um dizer que se apresenta para ser decifrável enquanto apreensão da verdade da obra.

Na perspectiva concriativa do texto, a narrativa intercalada tem em cada uma delas pontos que remetem a uma anterior, há pouco contada, caracterizando a obra e colocando o leitor em contato com o jogo da linguagem no texto. **A face do abismo** constitui-se em duas narrativas que promovem leituras intercaladas, mas que geram um todo em função da relação dos personagens da trama narrativa.

A história de **A face do abismo** é contada, supostamente, por um neto de **Alberta Zeller**, que não se manifesta no romance, só o que sabemos deste é por esta passagem em que **Alberta Zeller** “*não estava olhando para as chamas dançantes mas para o neto, que anos mais tarde aproveitaria as memórias da avó num romance*”. Mesmo que o leitor perceba que a história contada no romance são as memórias de Alberta, o que ela conta é contado por um narrador pressuposto. O



leitor pode até supor que o narrador seja este neto, mas em nenhuma passagem do texto vamos encontrá-lo como tal.

Atentos à riqueza e ao poder evocativo da linguagem literária é que podemos dizer que o título **A face do abismo** sugere uma imagem que será o topos definidor da narrativa e, como um rótulo, vai evocar uma metáfora primordial, própria da linguagem bíblica, pois para a cultura ocidental e no contexto referencial em que esta obra foi criada, a fala da Bíblia expressa a fala primordial: “O Espírito de Deus pairava sobre **a face do abismo**” (Gênesis 1:2). E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre **a face do abismo**; e o Espírito de Deus se movia sobre **a face das águas**” (Gênesis 1:2). É expressiva a evocação ao valor simbólico das águas, pois segundo a tradição, elas precedem toda a forma e suportam toda a criação. É o começo dos começos, e pela sua atualidade, o fio condutor da narrativa, expresso nesta fala:

"Maldito, murmurou Gumercindo entre os dentes, como se o Uruguai pudesse ouvi-lo. Mil vezes maldito, repetiu em voz alta. Jamais poderia imaginar que um dia odiaria as águas de sua infância. Agora, olhando o seu correrinfundável, odiava-as, odiava-as intensamente" (KIEFER, 1988, p.12).

São essas águas que inundarão a comunidade, pois a construção inevitável da barragem vem confirmar e refazer a face abismal desse cosmos que estava mais ou menos organizado. Gumercindo odeia o rio porque com a confirmação da construção da barragem ele perde todo o poder diante da população que ele comandava.

É a identidade da história que faz a identidade do personagem. Se o personagem perder sua identidade a narrativa perde a sua configuração, podendo cair na configuração do ensaio. “A narrativa confere ao personagem uma iniciativa, isto é, o poder de começar uma série de acontecimentos, sem que esse começo constitua uma começo absoluto, um começo do tempo...” (RICOEUR, 1991, p. 175). O enredo ou a ação da narrativa inicia-se com a desocupação do território indígena pelo bugreiro José Tarquino e a chegada dos doze casais de colonos e seus filhos, totalizando setenta e seis pessoas. “Eram doze famílias: Müller, Kiefer, Zeller, Walter, Köning, Schmidt, Schiller, Fischer, Straus, Becker, Hauser e Sauer” (KIEFER, 1988, p. 25). Assim se apresenta uma questão arqueológica, no sentido etimológico do termo: A história que nos é contada alude a outra história, atrás da sua história se manifesta uma outra realidade, que é a realidade do imigrante, do estrangeiro, “...na ficção nem o começo nem o fim são necessariamente os dos acontecimentos narrados, mas os da própria forma narrativa” (RICOEUR, 1991, p. 189).

O ponto fixo onde os colonos fundaram sua comunidade já estava determinado por José Tarquino: Foi exatamente sobre as cinzas da aldeia indígena onde “ainda havia brasas sob as cinzas



quando os carroções chegaram. Os corpos dos índios não estavam mais lá, haviam sido enterrados ou jogados no rio” (KIEFER, 1988, p. 24). A partir daí o lugar foi destinado ao colono, mas a dificuldade de adaptação ao meio geográfico e cultural que se apresenta leva posteriormente a um questionamento sobre a identidade germânica.

Neste romance de Charles Kiefer o cenário mitificado, sob a ótica da colonização ou da terra prometida, é a região colonial do alto Uruguai, no Rio Grande do Sul. A interligação das relações temporais e espaciais, artisticamente assimilados, vão definir a forma e o conteúdo do romance. O cronotopo apresentado no romance nos mostra as constantes modificações ocorridas no espaço, durante setenta e seis anos – de 1903, ano da chegada dos doze casais, até 1979, ano da morte do líder sindical. O lugar em que transcorre a narrativa está geograficamente demarcado: a colônia está situada às margens do rio Uruguai, próxima ao rio Buricá, seu afluente. “*Lenta, a cerração subia, desnudava o rio.*” (KIEFER, 1988, p. 12). Ao apresentar um dos primeiros aspectos que constituirá a paisagem da narrativa, percebemos que o olhar do narrador não a fotografa simplesmente, de imediato acrescenta-lhe juízos de valor, dá-lhe significado. O texto presentifica um mundo: um mundo imaginário é criado pelo texto com palavras que não podem desaparecer porque devem estar por si mesmas para configurar esse mundo. A configuração territorial em si não é o espaço do romance, já que esse espaço existe apenas na ficção e, enquanto espaço, reúne a materialidade e a vida que o anima.

Na concepção dos colonos, o mundo habitado pelos índios não era um mundo, assim como os índios que o habitavam não eram humanos “eram iguais aos cães, aos porcos, aos bois” e por isso puderam ser massacrados, dizimados, destruídos barbaramente. “Índio não tem alma, Kind!” (KIEFER, 1988, p. 24). A questão moral ou ética da matança dos índios é negligenciada pelo colono ou justificada pela sua bestialidade. O extermínio do índio é visto como uma etapa natural do progresso, e com isso toda a carga dramática dessa destruição fica banalizada. A mãe de José Tarquino era filha de uma índia e de um tropeiro, assim, supostamente, sua mãe já fora violentada. A mulher índia além de ser violentada é também aniquilada. O narrador transcreve uma cena em que uma indiazinha tenta escapar:

“O homem que a viu esporeou o cavalo e saiu em disparada. Em poucos segundos alcançou-a, jogou-se da sela e a derrubou. Ali mesmo, diante de seus companheiros, violentou-a; depois, os espectadores também se serviram. O último, ainda que não fosse exatamente o que desejasse fazer, e sentindo-se um pouco acovardado diante do olhar de súplica e desespero da menina, executou-a com um tiro na cabeça.” (KIEFER, 1988, p. 20).

Neste romance o índio é o outro, que será aniquilado.



No dia da chegada, quando iniciaram a derrubada do mato, morre o colono Hermano Müller, atingido por um galho ou um tronco de árvore, deixando a esposa Herta com três filhos para criar. Em decorrência dessa tragédia, antes mesmo de construírem suas casas e a igreja, foi fundado o cemitério. Quando os homens, com seus machados e foices iniciaram a derrubada do mato, o lugar inerte transformou-se em espaço de colonização. O episódio que vai fazer com que seja acelerado o processo de constituição deste espaço será o acidente que provoca a morte de um deles fazendo com que *“antes de iniciarem a construção da igreja, tiveram de fundar o cemitério.”* (p. 26).

Um ano depois, Herta, mesmo censurada, casa-se com o bugreiro José Tarquino, filho – nunca reconhecido – de José Casales de **San Martín** e de mãe que era filha de um tropeiro uruguaio com uma índia guarani.

José Tarquino determinou que o nome do lugar devia ser **San Martín**, nome do jesuíta, seu pai, assassinado pelos índios fugidos das missões de Santo Ângelo Custódio, *“talvez 'ele' não merecesse a homenagem, pensou o bugreiro, enquanto sovava o fumo de corda na palma da mão. Não, não merecia, José Casales de San Martín, jamais o reconheceria como filho.”* (KIEFER, 1988, p. 21), mas este nome foi logo associado à religiosidade protestante e foi bem aceito pelos colonos, pois lembrava o nome do líder da Reforma.

San Martín, que no princípio foi o espaço utópico, pois fazia parte dos sonhos e dos desejos dos colonos, diante da resistência e exuberância da floresta e da passividade das águas, também diante do perigo dos ataques dos nativos converte-se em espaço atópico, onde vive o inimigo, é o espaço do sofrimento e da luta. Só depois de muito trabalho é que o espaço torna-se tópico.

Com a fundação de San Martín às margens do rio Uruguai inicia-se não só um novo espaço, mas também um novo tempo. Não mais o tempo nem o lugar do índio, que este fora dizimado e permanece somente na feição de José Tarquino que herdou os traços da mãe. Esta será uma colônia alemã.

Os Rosa são a ameaça à germanidade do grupo. Representam a desintegração dessa raça, porque ao fundar a colônia o imigrante transplantou sua verdade moral escética, germânica. *“Para os outros, Kiefer interrompeu a valsa porque era muita audácia do estranho vir sem ser convidado, mas não para ela. Para Herta Muller era a oportunidade que o Destino lhe oferecia,”* (KIEFER, 1988, p. 36). O germanismo do grupo é afrontado em seu destino de preservar a identidade dos teutos. Mas não é só o estranho que os afronta; um deles, Herta, rompe com o racismo *“- Fui eu que o convidei.”* (p. 37). Na atitude de Herta podemos perceber inquietações relativas à identidade feminina e, por extensão, a toda mulher.



Gumercindo, o filho de José Tarquino com Herta, portanto já “meio alemão” carregará consigo o estigma de não ser puro alemão e enfrentará o preconceito quando for casar com Laura, uma filha dos colonos. Colonos que não conseguem admitir entre os seus um “estranho”, um “brasileiro”. Gumercindo opõe duas visões de mundo: a do imigrante europeu no início e abraçada ao longo da narração, que se sente estrangeiro à terra, à cultura e aos valores nacionais; e a do brasileiro, de origem mestiça, considerado verdadeiro representante do país. O comportamento desse personagem que encarna essas visões é de oposição, mas também de encontro, que não escondem nada da violência e dos dramas vividos: "Eu estava dividido: corria em minhas veias o sangue de Herta Müller" (KIEFER, 1988, p. 156).

Podemos dizer que nesse romance a figura da mulher está misticamente solidarizada com a terra e a sua capacidade de parir está associada à fertilidade da terra *“as mulheres eram boas parideiras e aos homens interessava que a prole fosse numerosa: a terra era abundante e precisava ser povoada”* (KIEFER, 1988, p. 25). Percebemos que a fertilidade das mulheres, e da terra, está relacionada também com a riqueza.

Mesmo em território brasileiro a etnia alemã é preservada como uma categoria cultural que lhes interessa preservar. Entendemos então, que esse apelo à etnia se dá mais no sentido de conquistar e reforçar a dignidade do grupo.

Apesar das frequentes referências à cultura alemã, no final do romance a questão da germanidade vai estar decaída, e o colono vai se integrar à luta como cidadão brasileiro, o que permite recriar a imagem vulnerável do colono, carregado de sonhos e defeitos, porém sustentado na convicção do destino que os lança em busca da terra prometida.

A praça, que foi o primeiro elemento do rito fundacional da colônia, no decorrer do romance vai adquirindo uma conotação de espaço político. É na praça de San Martin que os colonos, organizados pelo presidente do Sindicato, protestam, em passeata, contra a decisão oficial de construir uma barragem no rio Uruguai, que alagaria toda a cidade, forçando-os a um novo êxodo, uma vez que a terra é a base indispensável para o colono firmar-se como tal e a luta pela preservação da sua posse apresenta-se como uma forma de resistência.

A relação homem-mulher descrita neste romance está desprovida de qualquer visão romântica. O relacionamento, entre os casais germânicos, é escassamente abordado. A narrativa detém-se mais nas relações interétnicas José Tarquino Rosas X Herta Müller, Gumercindo Rosas X Laura. Porém a aproximação entre José Tarquino e Herta se dá puramente movida por um impulso carnal, instintivo, sexual.



“Somou e re-somou, e julgou que o casamento lhe custara o equivalente a trinta mil metros cúbicos de madeira de primeira qualidade, jatobá, cedro ou canjerana. Em compensação, acabavam-se o jejum sexual e as dificuldades que enfrenta um homem solitário,” (Kiefer, 1988, p. 42).

Para Gumercindo, o casamento com uma das filhas de família alemã é mais uma forma de afirmação social, pois sente a necessidade de ser um deles. A falta de afeto entre o casal se revela pelo estado depressivo em que vive Laura, até a consumação do suicídio, no ato de matar-se. Laura foi a mulher que "tivera a coragem de enfrentar **a face do abismo** sem temer" (KIEFER, 1988, p. 61). Percebemos nesse eufemismo outra conotação, para além da conotação usual de tristeza e angústia, e com isso uma hermenêutica, no sentido de interpretar, dar uma explicação do que seria a face do abismo.

Foi em busca da Terra Prometida que o imigrante chegou ao Brasil, mas para tanto pagou o preço do desenraizamento e contraiu, com este país, uma relação ambivalente, de ódio e amor. Neste romance a dimensão ética e estética se concentra no homem, suas paixões, lutas e misérias.

Resultados: Pelas falas, testemunhos e atitudes dos personagens, podemos dizer que houve por parte do autor uma opção em favor dos aspectos positivos da imigração e de crítica contra todas as barbaridades cometidas em nome da manutenção do status da imigração. Se nas falas dos personagens podemos perceber a restauração do mito da terra prometida, ao mesmo tempo o narrador toma distância crítica para incorporar dados e avaliações, sempre já historizados, que desconstroem esse mito. Daí a dimensão ética dessa narrativa, pois por meio da ficção “aprendemos a viver, a morrer, a amar, a imaginar, enfim a retomar nosso passado, a nos repensarmos no presente e projetar nosso futuro” (ROHDEN, 2008, p. 131). Nesse texto de ficção podemos ver a palavra tornada um acontecimento de verdade histórica. O texto se converte em uma vivência a mais. Trata-se de assumi-lo no horizonte do intérprete, de assimilá-lo em sua experiência. A interpretação serve para compreender o texto e o texto permite que o intérprete se compreenda em um horizonte mais amplo.

Conclusão: Considerando o potencial de verdade subjacente a um texto literário é que o apresentamos como elemento estruturador da aprendizagem, vista como uma arte de viver, pois entendemos que a prática da leitura do texto literário é condizente com a concepção de educação com bases na hermenêutica.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum – Ensaio sobre educação ético- estética**. Ijuí. Editora UNIJUÍ, 2010.

LAWN, Chris. **Compreender Gadamer**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KIEFER, Charles. **A face do abismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

RICOUER, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papyrus Editora, 1991.

ROHDEN, Luiz. **Interfaces da Hermenêutica**, Caxias do Sul, Educs, 2008.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. "A ética concriativa de Gadamer". In: *Revista Tempo Brasileiro*, nº 94. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988, pp. 69-86.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br